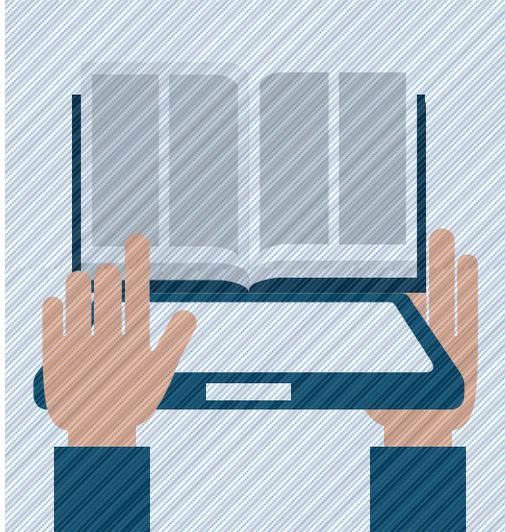


A UTILIZAÇÃO INTELIGENTE DE DISCIPLINAS A DISTÂNCIA NOS CURSOS SUPERIORES PRESENCIAIS – PARTE 1



©sharvel/istockphoto



Gustavo Hoffmann
Pró-reitor Acadêmico da Unipac e diretor Acadêmico e de EaD do Grupo Alis Educacional. Sócio-fundador da GH Educacional e da Easy to Learn, parceira do projeto SAGAH, do Grupo A Educação. Participa do Consórcio STHEM Brasil e faz parte do Comitê de Especialistas do Horizon Project, do New Media Consortium

Desde 2004, quando foi publicada pelo CNE a Portaria n. 4.059, é permitida a oferta semipresencial de até 20% da carga horária total dos cursos superiores reconhecidos. No entanto, uma pesquisa encomendada recentemente pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) mostra que praticamente 60% das Pequenas e Médias Instituições de Ensino Superior (PMIES) não aproveitam essa oportunidade. Os motivos são vários e vão desde a falta de conhecimento em relação às possibilidades que a Educação a Distância (EaD) traz até a ideia de que a modalidade não funciona ou possui menos qualidade do que o ensino presencial.

O propósito deste artigo é apresentar uma forma relativamente simples e eficiente de ofertar disciplinas na modalidade semipresencial. O primeiro mito relacionado à EaD é que custa muito caro. A produção de conteúdo custa caro. Isso é verdade. O que não é verdade é que as Instituições de Ensino Superior (IES) precisam pagar caro por isso. Realmente, a produção de conteúdo é algo extremamente complexo. Além de custar muito, o conteúdo se desatualiza com certa facilidade e, definitivamente, nossos professores do Ensino Superior não foram preparados para produzir conteúdo para EaD, com raras exceções.

Isso faz com que boa parte da produção seja descartada pela falta de qualidade, o que encarece ainda mais o processo. Contratar conteúdo customizado de empresas especializadas é uma alternativa para sanar o problema da qualidade, mas o custo continua sendo alto, e o problema da desatualização em poucos anos continua existindo. A boa notícia é que, hoje, já existem empresas especializadas na oferta de conteúdo digital para IES com um modelo de negócio muito interessante, por eliminar o investimento inicial e permitir que o pagamento seja feito por usuário. Ou seja, a IES só paga o que utilizar, e a produção, a qualidade e a atualização do material ficam por conta do fornecedor.

Produção de conteúdo não é o *core business* de uma IES, por isso faz muito sentido esse modelo de terceirização. O mesmo modelo já funciona com as bibliografias básica e complementar dos projetos pedagógicos de curso. São raras as IES que trabalham com a produção própria de livros didáticos. Se não faz muito sentido produzir os próprios livros, não faz sentido produzir um conteúdo bem mais complexo, que são os objetos de aprendizagem para a EaD. A forma como cada IES utiliza esse material é que fará a diferença. Independentemente do modelo adotado, seja produzindo internamente, seja contratando, existem diversas possibilidades de se trabalhar com os 20% a distância. Na próxima edição da *Linha Direta*, antes de listar algumas delas, irei defender a EaD do ponto de vista acadêmico. Não perca! ■

gustavohoffmann@aliseducacional.com.br